

Déficit será bem menor

São Paulo — o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, afirmou ontem que o déficit em conta corrente do balanço de pagamentos será inferior a 1 bilhão de dólares até o final do ano e, possivelmente, por suas estimativas preliminares, chegará a 500 milhões de dólares, contra 6 bilhões no ano passado.

O presidente do Banco Central voltou a repetir que o Brasil não precisará de dinheiro novo na atual renegociação da dívida externa brasileira. Observou que o déficit em conta corrente do balanço de pagamento previsto para este ano é prova "do ajuste enorme que o país fez no lado externo". Lembrou que este déficit foi de 6 bilhões em 1983 e de 14 bilhões de dólares no ano anterior. "É este o indicador mais importante", destacou.

Pastore previu que as exportações brasileiras em 1985 poderão crescer 6% em relação às deste ano, ao mesmo tempo em que haverá "uma certa retomada das importações do setor privado, mas não de petróleo". Sua estimativa é de que 1985 produzirá um superávit comercial semelhante ao deste ano. As exportações brasileiras em 1984 cresceram 25% em relação a 1983,

que por sua vez haviam crescido 8,5% em relação a 1982. Elas deverão permitir um superávit comercial de 12 bilhões 500 milhões de dólares em 1984.

Pastore reafirmou que o combate à inflação deverá prosseguir com o ajuste fiscal e monetário, para conter a demanda interna.

Ele explicou que a sétima Carta de Intenção do Brasil ao Fundo Monetário Internacional só ficará pronta no final da próxima semana, mas não confirmou nem desmentiu que a próxima meta de inflação será de 120% em 1985. Disse apenas que acha "possível" a inflação cair para 120% em 1985.

Ele não acredita também que a atual recuperação econômica possa desencadear um aumento da pressão inflacionária. "A demanda doméstica não está superaquecida a ponto de provocar uma inflação adicional. É preciso reconhecer que o fato de estarmos ainda vivendo sob uma política monetária que gera taxas de juros bastante elevadas é desestimulante de níveis de investimento. Esta recuperação ainda é tênue, é derivada de um ajuste externo, de um aumento das exportações e da recuperação agrícola" — disse.